



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação
Interdisciplinar de Professores

A IDENTIDADE DO SUJEITO, PODER, POLÍTICAS E OUTRAS ABORDAGEM: QUANDO A INFÂNCIA VAI ALÉM DO AUTISMO

SUBJECT IDENTITY, POWER, POLICIES AND OTHER APPROACHES: WHEN CHILDHOOD GOES BEYOND AUTISM

Salédja Alana Sales Santana ¹
Janete Rosa da Fonseca ²

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo abordar sobre identidade, poder e política com ênfase na importância da infância das crianças com Transtorno do Espectro do Autismo (TEA), como construção do sujeito. Para efetivar essa pesquisa, buscou-se fundamentar nos referenciais teóricos de autores como: Foucault (2016, 2022), Hall (2003), Louro (1999), Gonring (2020), Sarmiento (2005), Grandin e Panek (2013), entre outros, que podem contribuir para os estudos da temática apresentada. Os principais resultados desta pesquisa, contribui para compreender o contexto do universo autista, a respeito da sua identidade, corporeidade, refletindo em políticas cada vez mais eficientes direcionadas para a inclusão. Os procedimentos metodológicos buscou-se abordagens de revisões bibliográficas, que fundamentam contribuições de alinhar as principais abordagens dos autores mencionados com o contexto da criança com autismo, viabilizando sua inclusão.

Palavras-chave: Autismo, Infância, Identidade, Poder, Política.

ABSTRACT

The present work aims to address identity, power and politics with an emphasis on the importance of the childhood of children with Autism Spectrum Disorder (ASD), as a

¹ Mestranda em Estudos Culturais da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul-UFMS, Pedagoga, Docente da rede municipal de educação Santa Terezinha-PE, saledja.mk@gmail.com

² Pedagoga, Doutora em Educação pela Universidad Del Mar - Chile. Pós Doutorado em Neurociência. Pós Doutorado em Educação. Docente Permanente do Programa de Pós- Graduação em Estudos Culturais da UFMS/CPAQ, janete.fonseca@ufms.br



construction of the subject. To carry out this research, we sought to base it on the theoretical references of authors such as: Foucault (2016, 2022), Hall (2003), Louro (1999), Gonring (2020), Sarmiento (2005), Grandin and Panek (2013), among others, which can contribute to studies on the topic presented. The main results of this research contribute to understanding the context of the autistic universe, regarding its identity, corporeality, reflecting on increasingly inclusive policies. The methodological procedures are through bibliographical reviews, which support contributions to align the main approaches of the mentioned authors with the context of children with autism, enabling their inclusion.

Keywords: Autism, Childhood, Identity, Power, Politics.

1. INTRODUÇÃO

Abordar sobre identidade, poder e política com ênfase na importância da infância das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA), como construção do sujeito é primordial, tendo em vista que a infância é uma das fases mais importantes da vida do ser humano, é uma construção social e histórica, que varia de acordo com o tempo, lugar e contexto cultural (Sarmiento, 2005).

Quando essa fase vem acompanhada por algum transtorno que acomete na vida da criança, como por exemplo o autismo, na maioria das vezes esse transtorno passa a ser primordial na vida da criança, e seus olhares são direcionados apenas para o que lhe é deficitário, ignorando a criança como um sujeito político de múltiplas identidades.

O autismo definido como transtorno do espectro autista é classificado como um distúrbio no neurodesenvolvimento, caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos, segundo o DSM 5 (O Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais), se manifestando nos primeiros anos de vida, envolvendo diferentes níveis de comprometimentos.

Para compreender o contexto de identidade, poder e política, utilizou-se das metodologias dos Estudos Culturais Foucault (2016, 2022), Hall (2003), Louro (2000), Furlan (2016), entre outros.

Para aprofundar nos estudos sobre o autismo e sobre a infância, foi observado e realizado estudos de Grandin & Panek (2013), Sarmiento (2004) e Ariés (1981), entre outros, que podem contribuir para os estudos da temática apresentada.

Para viabilizar a leitura sobre o autismo na dinâmica do reconhecimento de uma infância foi que precisa ser vista em sua totalidade, utilizado as teorias dos autores mencionados e um alinhamento do corpo relacionado, representado e politicamente estruturado, para produzir discursos relacionados à inclusão dos sujeitos com autismo, permeados de saber/poder que se apropriam das instituições e vão materializando o discurso da inclusão como uma verdade.



Muitas são as concepções sobre a importância desse sujeito, porém ainda há muitos caminhos a percorrer para viabilizar o saber sobre seu lugar na sociedade.

Assim, essa temática busca abordar e se organizar da seguinte maneira: Aborda sobre a compreensão da identidade, os desafios e das singularidades na infância. Apresenta um estudo sobre o autismo, refletindo quando a infância vai além do autismo nas dimensões de corpo, poder e política. Explana sobre as principais referências bibliográficas das pesquisas de Foucault, Hall e outras abordagens. Por fim, será retornado aos pontos focais da discussão, sintetizando apontamentos e reflexões sobre a criança diagnosticada com autismo, vivenciando no que se refere à justiça social-cultural.

2. AS SINGULARIDADES DA INFÂNCIA NAS CRIANÇAS COM TEA

A infância é historicamente construída, a partir de um processo de longa duração que lhe atribuiu um estatuto social e que elaborou as bases ideológicas, normativas e referenciais do seu lugar na sociedade (Sarmiento, 2005).

O sociólogo português Sarmiento, dedica seus estudos a infância, enfatizando que a mesma, é uma construção social e histórica, que varia de acordo com o tempo, lugar e contexto cultural (Sarmiento, 2005).

Essas ponderações, apresentam que a infância não é um fenômeno natural e universal, mas sim, uma categoria socialmente construída, moldada pelas normas e valores de cada sociedade. Essa argumentação, reflete na importância de reconhecer as crianças como participantes ativos na sociedade, e não adultos em miniaturas³, que precisam serem moldados pelos adultos.

A infância por ser considerada uma das fases mais importante do ser humano, pois a mesma reflete durante toda uma vida, podendo causar consequências positivas ou não, durante toda a trajetória de vivência, é nesse período que se inicia toda a exploração de mundo ao seu redor, desenvolvendo habilidades básicas de comunicação, interação social, e o desenvolvimento afetivo, emocional, cognitivo e psicomotor, entre outros.

Nas crianças com o Transtorno do Espectro Autista, essa fase é ainda mais significativa, tendo em vista as próprias limitações que o TEA apresenta, podendo limitar a criança de vivenciar as diversas formas dos contextos sociais que essa fase possibilita, além das comorbidades que atrapalham sua evolução.

A criança vem se afirmando pelos trâmites legais o reconhecimento de seus direitos, porém, o olhar deve ser ampliado em situações que fogem da normalidade, ou seja crianças

³ Termo utilizado por Jean Jacques Rousseau (1712-1778), na obra *Emílio, ou Da Educação*.
Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPFIP/UFMS/CPAQ



atípicas, devem ter primeiramente um olhar diferenciado, pois são permeadas por conjecturas que vão além das necessidades básicas de crianças típicas.

O autismo é apenas uma dessas múltiplas identidades da criança, sendo elas sujeitos de direitos e devem ser vistas como atores sociais ativos, capazes de participar e influenciar nas decisões que afetam suas vidas. (Sarmiento, 2003).

3. AS RELAÇÕES DE FOUCAULT E AS CRIANÇAS COM TEA

A criança com TEA, necessita ter um olhar não apenas para suas diferenças, mas para a integralidade do sujeito. Essas diferenças, são vistas muitas vezes como padrões fora da “normalidade”, esses padrões impostos pela sociedade que limitam a singularidade, a expressividade e o significado da criança, exercem uma relação de poder, nesse corpo excluído, negligenciado, regulado por normas que ditam o que é considerado comportamento "normal" ou "anormal".

Esse contexto, afeta não só a criança que apresenta essa comorbidade, mas todo o seu entorno, família, escola e todas as dimensões sociais que a criança necessita para se tornar um sujeito de direitos.

Tais discursos, se relaciona aos estudos de Foucault (2016) que explorou como a sociedade define normas e exclui aqueles que não se encaixam nessas normas. Dessa forma, o autista se relaciona através desse olhar, sendo sujeitos frequentemente marginalizadas por não se adequarem às expectativas sociais do padrão socialmente estabelecido.

Não há nada mais permanente na vida de um ser humano, quanto a mudança, atualmente as mudanças são constantes e não há significações de padrões, pré-estabelecidos, que possibilita a sociedade buscar uma homogeneidade, pois o que está permeada no meio são as diferenças em sua grande maioria, cada um em sua categoria, porém o que domina a esfera social são as mudanças, necessitando ampliar a visão de uma sociedade sobre a singularidade de cada um.

Esses apontamentos, buscam compreender a categoria da fase da infância como primordial, fase essa, que precede um possível diagnóstico, caso a criança tenha o transtorno do espectro autista. A infância é uma das fases mais importante da vida de qualquer ser humano, pois é exatamente nessa fase que a criança, começa a explorar o mundo ao seu redor. Todavia, a criança que tem o espectro, essa fase se torna ainda mais significativa.

É importante considerar, o reconhecimento da singularidade de cada criança, contruindo suas identidades de maneira única, desafiando estereótipos e preconceitos.

A criança é um sujeito de direitos e como tal deve ter sua infância respeitada, superando os impactos das interações sociais e culturais nessa formação.



Para a definição do conceito de identidade, foi utilizada abordagem dos estudos culturais, amplamente discutido através das obras de Stuart Hall, que argumenta que uma identidade móvel, que varia de acordo com a maneira que somos representados e influenciados pelos sistemas culturais ao nosso redor. (Hall, 2002 apud Zim; Fonseca, 2019).

Ao reconhecer a identidade de cada criança, possibilita a ampliação e a potencialização de suas capacidades, cada criança como sujeito de direito, necessita de um ambiente que respeite suas diferenças, fornecendo o suporte necessário para que alcancem seu potencial.

Além disso, vale ressaltar que essa fase considerada atualmente como prioritária, foi ao longo dos anos muito negligenciada, não representava importância alguma no contexto social e cultural da época.

O historiador francês Philippe Ariès, é amplamente reconhecido por seus estudos sobre a história da infância, mencionando em suas publicações que historicamente (...) não houvesse lugar para a infância nesse mundo. (Ariès, 1981, p. 50).

O trabalho desse importante historiador, promoveu debates fundamentais sobre a natureza da infância e a evolução dos posicionamentos sociais e culturais em relação às crianças, que influenciaram profundamente os estudos atuais sobre a infância.

Portanto, evidenciar a garantia de que todas as crianças, independentemente de serem autistas ou não, tenham a oportunidade de viver uma infância plena, considerando seus potenciais e exercendo seus direitos na construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e altruísta.

O autismo é definido como transtorno do espectro autista (TEA), é classificado pelo DSM V como um distúrbio no neurodesenvolvimento, caracterizado por dificuldades de interação social, comunicação e comportamentos repetitivos e restritos, esse manifesta nos primeiros anos de vida, considerado como uma síndrome por abarcar diferentes níveis de comprometimentos.

Diante dos estudos de Temple Grandin e Richard Panek (2022), o autismo é identificado pela observação e avaliação do comportamento. Temple Grandin é uma veterinária norte-americana autista, estudiosa e palestrante sobre o assunto, ela é pioneira em relatar “como é ser uma pessoa com autismo” e “o cérebro Autista, pensando através do espectro”. Richard Panek é um escritor e jornalista. Ambos abordam que é “amplamente aceito que os transtornos do espectro autista resultam de múltiplos fatores, e que seria extremamente raro encontrar alguém com uma só causa para essa síndrome comportamental” (Grandin; Richard Panek 2022, p. 68).

Ao longo de suas abordagens os autores vão mencionando a questão comportamental do indivíduo autista. Segundo Temple Grandin, o autismo e outros transtornos estão num



contínuo que vai do normal ao anormal. As observações e avaliação são subjetivas, e os comportamentos variam de uma pessoa para outra.

Os estudos de Michel Foucault, um filósofo francês, conhecido por suas teorias sobre poder, conhecimento e disciplina, também contribuíram nesse discurso, apesar de Foucault não ter abordado especificamente sobre o transtorno do espectro autista, suas ideias podem contribuir na medida que buscou-se entender como a sociedade lida com esse transtorno, as concepções de identidade, poder e política, numa concepção sócio-cultural que norteia o autismo de várias maneiras,

No conjunto de suas aulas entre 1974 e 1975, o qual foi publicado com o título “Os Anormais”, nas aulas dos dias 15 e 22 de janeiro de 1975, se volta sobre o normal e o patológico a partir de Canguillem⁴ que mencionando, que a norma não se define absolutamente como uma lei natural, mas pelo papel de exigência e de coerção que ela é capaz de exercer em relação aos domínios a que se aplica. Por conseguinte, a norma é portadora de uma pretensão ao poder.

Esse apontamento, possibilita pensar o autista como indivíduo considerado anormal, (aos olhos da sociedade) e que poderíamos chamar de figura do “indivíduo a ser corrigido”, pois foge dos padrões pré estabelecidos do meio, na definição do que é “normal” ou “anormal”, busca-se uma reflexão que poderá ser abordado em outros contextos, qual seria os padrões estabelecidos pela normalidade, considerando que o ser humano é um ser dinâmico e de singularidade próprias, nesse contexto, o que se percebe é que ninguém é normal, porque ninguém é igual.

Ser autista é ser duplamente invisível: não se recebe a credibilidade sobre sua diferença, pois ela não aparece fisicamente e também não se recebe a “permissão” da sociedade para agir da forma que você pensa naturalmente. (Zin; Fonseca, 2019, P. 5-6).

É na infância que começa a se perceber os primeiros sinais do autismo, pois esse transtorno acomete o desenvolvimento da criança, se tornando latente o prejuízo nos seus marcos do desenvolvimento.

Deve-se considerar que antes de qualquer diagnóstico, é imprescindível que essas crianças neuroatípicas sejam consideradas como qualquer outra criança, com suas maneiras únicas de ver e interagir com o mundo.

As características que acometem o autismo de fato irão aparecer a medida que a criança for desenvolvendo suas habilidades, o que tem que ser considerado, é que nem tudo na vida da criança e no comportamento vai ser resultante do transtorno que a criança apresenta, é

⁴ Georges Canguilhem foi um filósofo e médico francês. Especialista em epistemologia e história da ciência, publicou obras importantes sobre a constituição da biologia como ciência, sobre medicina, psicologia, ideologias científicas e ética.



necessário deixar a criança ser como criança. Essa abordagem, não quer dizer para fechar os olhos para o TEA, mas analisar e reconhecer que nem todo o comportamento que criança com esse transtorno apresenta seja próprio do autismo, a infância vem antes.

A importância do diagnóstico na vida de um autista, porém, supera a construção de uma identidade, pois representa também uma afirmação de suas dificuldades apresentadas no dia-a-dia e uma maneira de compreendê-las. (Zin; Fonseca, 2019, P. 3).

4. O DIAGNÓSTICO E SEUS IMPACTOS NA CORPOREIDADE DA CRIANÇAS COM TEA

O diagnóstico não pode ocultar a criança que existe antes do autismo. É compreensivo, toda mudança gerada não só em sua vida, mas na vida de toda família, porém dadas as particularidades desse transtorno, é indispensável que a criança seja criança e viva a infância com toda a sua plenitude.

Whitman (2015, p.15), referência na pesquisa sobre autismo, oferece uma visão abrangente e atualizada, destaca que o autismo tanto fascina quanto frustra a comunidade científica e clínica, apresentando grandes desafios aqueles que ofertam serviços para essa população. Para o autor, não existe uma única forma de ser autista, mas sim uma ampla gama de experiências e características que variam significativamente entre os indivíduos.

Desse modo, há a grande necessidade de uma maior compreensão e aceitação social, promovendo a inclusão e a valorização das habilidades e contribuições únicas das crianças com autismo. A formação e a conscientização sobre o autismo desde os primeiros anos podem ajudar a reduzir estigmas e promover uma sociedade mais inclusiva e compreensiva.

A necessidade de investir na infância como fase primordial na vida das crianças com autismo, significa proporcionar ambientes acolhedores, estimulantes e inclusivos, significa estar atento às suas particularidades e oferecer apoio adequado desde o início.

Diante dessas concepções, percebe-se como o corpo das crianças autistas é experienciado e representado dentro de diferentes contextos culturais, um corpo excluído, estereotipado, esse corpo que vai além de um aspecto biológico, mas como algo profundamente enraizado em práticas sociais, culturais e históricas.

A infância foi ao longo de sua história negligenciada, tecida na reconstrução dos relacionamentos e das atitudes que os adultos tiveram em relação às crianças; relação de hierarquia e de superioridade dos primeiros sobre os segundos.



Com as crianças neuroatípicas, essa relação de poder, era sobretudo ainda mais acentuada, na qual diagnósticos podem ser moldados por forças sociais e políticas e quão difíceis de perceber e combater essas forças podem ser (Sheffer, 2018).

Referente a esse saber, Michel Foucault traz contribuições muito significativas, as instituições que possuem o poder em nossa sociedade necessitam que todos se comportem e pensem de forma controlada e padronizada, assim, naturalizam a vigilância e implementam o castigo para aqueles que saem do modelo permitido. Essa punição pode até ser física, como nas prisões e manicômios, mas tem sua forma mais comum com a exclusão de todos que são diferentes, tirando sua credibilidade e assim, os silenciando. (Foucault, 1979 apud Zin; Fonseca, 2019)

A corporeidade da criança, mesmo apresentando algum transtorno, não pode definir toda a identidade de infância, nem muito menos, esse mesmo transtorno definir seu modo de vida, sendo rotulado como incapaz, indisciplinado, problemático ou mais agravante ainda “doente”.

Foucault também falou sobre a possibilidade de resistência dentro das relações de poder. Os autistas e suas comunidades frequentemente criam formas de resistência contra a marginalização, o preconceito e a opressão, lutando por direitos, reconhecimento e inclusão. Movimentos ativistas e de neurodiversidade, que celebram a diversidade neurológica e promovem a aceitação das diferenças do TEA, são um exemplo de resistência foucaultiana.

Furlan e Maio (2016), apresenta em seus estudos uma abordagem sobre “Abjeção (no latim, *ab-jicere*) significa literalmente excluir, jogar fora ou longe e, portanto, pressupõe e produz um domínio de agência do que é diferenciado” (Santos, 2013 apud Furlan; Maio, 2016).

Nesta trajetória, a criança autista no sentido de exclusão se torna um abjeto, renegada a um segundo plano nas questões de direito, como por exemplo, o da educação, assistência e saúde.

Com base em todo esse contexto, é de fundamental importância, o surgimento de uma nova criança que independente da condição do neurodesenvolvimento, surge deixando sua marca e se posicionando como sujeito de direito, promovendo uma visão crítica e inclusiva que reconheça a complexidade e a diversidade das experiências das crianças autistas, enfatizando a importância de práticas e políticas que respeitem e valorizem suas identidades.

5. CONCLUSÃO

Toda essa discussão, reflete nas abordagens sobre identidade, poder e política com ênfase na importância da infância das crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na construção do sujeito. Essa abordagem, buscou-se relacionar o autismo com as teorias de Foucault, no que diz respeito a uma perspectiva crítica sobre como o poder e o conhecimento



moldam as experiências dos sujeitos autistas na sociedade.

A compreensão da identidade vai de encontro com a ideias de Hall (2003) como uma construção social que se forma através das práticas culturais e dos discursos que nos rodeiam, nesse sentido as crianças neuroatípicas, precisam se configurar como sujeitos de direitos, superando os desafios das singularidades na infância.

O autismo é um transtorno que compromete o neurodesenvolvimento da criança, um corpo que por si só é excluído, pela falta de compreensão e aceitação das diferenças neurológicas na sociedade.

O ponto focal dessa discurso é perceber que a infância vai além do autismo nas dimensões de corpo, poder e política.

Ao analisar a corporeidade, reconhecemos que as crianças autistas devem viver a infância, considerando que suas experiências sensoriais e físicas são únicas no TEA e que desafiam as normas tradicionais, exigindo uma compreensão mais inclusiva e empática de suas necessidades.

O poder relacionado nas teorias de Foucault viabiliza como as estruturas sociais e institucionais influenciam a vida das crianças autistas, muitas vezes perpetuando a exclusão e a marginalização através de práticas normativas e disciplinadoras, sem o cumprimento de seus direitos. Esses direitos que devem ir além de poderes judiciários, mas que realize de fato uma justiça social-cultural, e mudanças de paradigmas.

As compreensão das teorias de Michel Foucault e Stuart Hall foram muito válidas nessa análise, tendo em vista, a construção da identidade das crianças com autismo, destacando a influência das estruturas de poder e das políticas públicas.

Essas reflexões, buscou-se promover uma visão crítica e inclusiva que reconheça a complexidade e a diversidade das experiências das crianças autistas, enfatizando a importância de práticas e políticas que respeitem e valorizem suas identidades.

Assim, perceber a infância, em suas múltiplas identidades é reconhecer suas potencialidades, mesmo a crianças com autismo não é diferente, a identidade não é fixa ou essencialista, mas sim uma construção social, cultural e histórica, sujeita a mudanças e transformações contínuas.



6. REFERENCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders** (5th ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing, 2013.

FOUCAULT, Michel. **Aula de 17 de janeiro de 1979**. In. Nascimento da Biopolítica. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2022.

FOUCAULT, Michel. **Governamentalidade**. In. **Microfísica do Poder**. 6 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

FURLAN, C.C., and MAIO, E.R. **Pedagogias do corpo: é possível a escola ser um espaço de reconstrução?** In: MESSEDER, S., CASTRO, M.G., and MOUTINHO, L., orgs. Enlaçando sexualidades: uma tessitura interdisciplinar no reino das sexualidades e das relações de gênero [online]. Salvador: EDUFBA, 2016, pp. 157-177. ISBN: 978-85-232-1866-9. <https://doi.org/10.7476/9788523218669.0009>.

GRANDIN, T., & PANEK, R. **O Cérebro Autista: Pensando através do espectro**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2014.

HALL, Stuart. **Estudos Culturais: dois paradigmas**. In. **Da diáspora: Identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003. (pp. 123-150).

LOURO, G. L. **Pedagogias da sexualidade**. LOURO, G. L. (Org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999, p. 7-34.

SARMENTO, Manuel Jacinto. **Gerações e Alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância**. Revista Educação & Sociedade. v. 26, n. 91, p. 361–378, maio/ago. 2005.

WHITMAN, THOMAS. L. **O Desenvolvimento do Autismo: social, cognitivo, linguístico, sensório-motor e perspectivas biológicas**. São Paulo: Editora M.Books do Brasil. 2015.

ZIN, L. C., & FONSECA, J. B. (2019). As vozes do autismo: **Quando falar não significa ser ouvido**. In XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, Vitória, ES, 03 a 05/06/2019. Universidade Federal de São João del-Rei, São João del-Rei, MG.